

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
Centro de Divulgação Científica e Cultural – CDCC
CINECLUBE CDCC
Rua Nove de Julho, 1227 – Centro – Telefone: 3373-9772
PROGRAMAÇÃO Março/2025
Sessões aos sábados, às 20h, com entrada franca

Ciclo: A ciência no cinema.

Para a programação do mês de março, o Cineclube CDCC separou uma seleção de filmes com uma característica em comum: as diferentes representações da ciência no cinema. Teremos em exibição obras de aventura pré-histórica, discussões profundas de física quântica, engenharia genética e odisséias espaciais; explorando muito a ficção científica, que nos permite imaginar como as mudanças provocadas pela ciência nos afetam. O Cineclube CDCC convida todos a experimentarem esta programação especial que promete fritar a cabeça.

01 – NÃO HAVERÁ SESSÃO

08 – PONTO DE MUTAÇÃO

Mindwalk, EUA, 1990, Drama, 112 minutos

Direção: Bernt Amadeus Capra

Elenco: Liv Ullmann, Sam Waterson, John Heard, Ione Skye

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA: Livre

Áudio original em inglês, com legendas em português

Deprimido com a sua recente derrota nas eleições para a presidência dos Estados Unidos, Jack combina de se encontrar com seu amigo poeta Tom, que lhe convida para conversar durante um passeio nas turísticas ruínas de um castelo no monte Saint-Michel, localizado em uma ilha na França. No começo, Tom não sente sinceridade nas palavras de Jack, já que ele se entregou inteiramente a vida política. No entanto, tudo muda quando a complicada conversa entre os dois atrai a atenção de Sonia, uma cientista de sucesso que está passando por um período sabático de reflexões, afastada de sua pesquisa em razão de sua ética pessoal.

O enredo do filme foi baseado no romance do irmão do diretor, o físico Fritjof Capra, e tem como temática central, o embate frontal de ideias e visões de mundo totalmente distintas. O político exprime sua visão pragmática a respeito de como se dão os processos de mudanças no nosso mundo, a partir da política tradicional, onde acordos são estabelecidos e negociações precisam ser feitas o tempo todo. Já a cientista rebate, com uma crítica a respeito das ciências, que conforme se desenvolveram, subdividiam os temas estudados, "recortando" a natureza, fazendo com que, futuramente, o planeta ficasse refém do homem, que explora seus recursos ao seu bel-prazer. Conforme evolui o diálogo, o poeta Tom consegue fazer uma ponte entre os dois personagens e o espectador do filme, com suas metáforas e críticas.

Por fim, durante a conversa entre os personagens, temos a oportunidade de compreendermos os fenômenos mínimos da física quântica, de maneira muito pedagógica, e temos um vislumbre da atual e moderna física que permite a construção das mais sofisticadas tecnologias. E, mais interessante ainda, podemos ver uma relação entre isso, o mundo que nos cerca e a necessidade de preservá-lo.

Thiago Freire Nascimento

Sinopse: Um diálogo entre um político, um poeta e uma cientista sobre teoria e pensamento de sistemas, mecânica quântica, física de partículas, problemas políticos e sociais, bem como possíveis soluções para estes últimos.

Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=BW9Os6nhCKM>

15 – A GUERRA DO FOGO

La guerre du feu, França, Canadá, EUA, 1981, Ação/Aventura, 100 minutos

Direção: Jean-Jacques Annaud

Elenco: Everett McGill, Ron Perlman, Nicholas Kadi, Rae Dawn Chong

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA: A14 anos

Contém: Violência, nudez

Idioma: Grunhidos e gestos

No período pré-histórico Paleolítico, há 80 mil anos, um grupo de Neandertais sobrevive às adversidades graças ao constante mantimento de uma fogueira. Porém, após o ataque de um outro grupo de homínídeos, eles acabam fugindo de seu lugar e a sua chama, que estava precariamente guardada, acaba sendo extinguida no processo. Assim, com a sua sobrevivência ameaçada e poucas esperanças, a tribo envia 3 guerreiros para uma jornada em busca de uma nova centelha de fogo, para trazer de volta o calor e a garantia de suas vidas.

Com uma narrativa simples, o filme baseado no livro de mesmo nome consegue apresentar uma visão artística do obscuro período que os homínídeos passaram. Apesar de não ser um longa feito com o objetivo de ser um documentário, com informações muito precisas, o diretor, de maneira muito cuidadosa, conseguiu elaborar uma cinematografia que consegue de fato cativar e atrair a

atenção do espectador. A linguagem gestual expressa pelos personagens e o trabalho com as paisagens e animais consegue promover uma aproximação com o ambiente da obra, trazendo à tona a constante apreensão com os grandes perigos daquele período.

No mais, a obra faz apostas muito conscientes e ao mesmo tempo, intrigantes. As sutis mudanças apresentadas no modo de vida daqueles homens antigos podem ser interpretadas como o ponto cerne da discussão que a narrativa propõe. Cada um dos pontos de inflexão que os personagens passam, corroboram para com a ideia de que o ser humano teve sua ascensão garantida pelos muitos choques culturais, e sobretudo, do forte desenvolvimento do companheirismo mútuo entre os integrantes das tribos. Ainda assim, vale ressaltar que o diretor se valeu de sua liberdade artística para compor a tese da obra e, portanto, o filme não deve ser encarado como um documentário científico.

Thiago Freire Nascimento

Sinopse: Uma tribo de homens antigos sobrevive graças ao misterioso fogo. Porém, após um ataque, sua única fonte de calor se extingue. Então três guerreiros saem numa longa jornada para trazer de volta a chama e garantir a sobrevivência de seu grupo.

Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=hndBXN2RWyU&t=3s>

Texto inicial do filme:

80,000 years ago, man's survival in a vast uncharted land depend on the possession of fire.

For those early humans, fire was an object of great mystery, since no one had mastered its creation. Fire had to be stolen from nature. It had to be kept alive - - sheltered from wind and rain, guarded from rival tribes.

Fire was a symbol of power and means of survival. The tribe who possessed fire, possessed life.

Tradução:

Há 80 mil anos, a sobrevivência do homem numa vasta terra desconhecida dependia da posse do fogo.

Para aqueles primeiros humanos, o fogo era um objeto de grande mistério, já que ninguém dominava a sua criação.

O fogo devia ser roubado da natureza. Tinha que ser mantido vivo - protegido do vento e da chuva, e de tribos rivais.

O fogo era um símbolo de poder e meio de sobrevivência. A tribo que possuía fogo, possuía vida.

22 – A ILHA DO DR. MOREAU

The Island of Dr. Moreau, Estados Unidos, 1996, Ficção Científica/Terror, 96 minutos

Direção: John Frankenheimer

Elenco: Marlon Brando, Val Kilmer, David Thewlis, Fairuza Balk

Classificação Indicativa: A14

Contém: Violência

Áudio em inglês, com legendas em português

Após sobreviver a um acidente de avião no Mar de Java, Edward Douglas, negociador das Nações Unidas, se vê perdido num bote em meio à imensidão do Oceano Pacífico. Quando as suas esperanças de sobrevivência já se esvaíam, ele é resgatado por um barco que passava pelo local. A bordo, é tratado pelo Dr. Montgomery, que promete levá-lo para a ilha de Timor. Contudo, os dois desembarcam na ilha do misterioso Dr. Moreau, onde Douglas recebe a nova promessa de poder usar o rádio para solicitar o seu resgate — mas apenas quando o aparelho for consertado. Preso na ilha, Douglas descobre, pouco a pouco, que os experimentos do Dr. Moreau, um ganhador do Prêmio Nobel que estava desaparecido há anos, ocultam, sob uma aparência de busca imparcial da verdade, uma natureza muito mais macabra.

O filme é uma adaptação de um romance homônimo de H.G. Wells, publicado em 1896; e, embora a narrativa original seja ainda do final do século XIX, os seus temas profetizam algumas das discussões mais importantes dos séculos XX e XXI. Questões como a ética na ciência, experimentos com animais, a busca incessante pelo poder, o totalitarismo teocrático, entre outras, estão entre as temáticas levantadas pela obra, e são fundamentais para o exame de muitos dos acontecimentos centrais dos últimos cem anos. A película é hoje mais lembrada pelo seu processo de produção caótico, incluindo uma substituição de diretor ainda na primeira semana e conflitos entre o elenco, além das dificuldades da filmagem nas florestas tropicais da Austrália. Esses problemas provavelmente macularam a concepção do longa-metragem, fazendo com que ele não alcançasse toda a qualidade artística que poderia ter. A despeito disso, o filme merece uma reavaliação crítica: para além do estranhamento (intencional ou não) que a obra provoca nos espectadores, se escondem méritos que o tempo ainda não foi capaz de reconhecer.

Luan Augusto Machado de Lima

Sinopse: Depois de ser resgatado e levado para uma ilha, um homem descobre que os habitantes são animais experimentais sendo transformados em humanos de aparência estranha, tudo isso obra de um médico visionário.

Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=u8tVk61sHsQ>

29 – 2001: UMA ODISSEIA NO ESPAÇO

2001: A Space odyssey, EUA, UK, 1968, Ficção Científica, 149 minutos

Direção: Stanley Kubrick

Elenco: Keir Dullea, Gary Lockwood, William Sylvester, Douglas Rain

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA: Livre

Contém: Não há inadequações

Áudio original em inglês, com legendas em português

No alvorecer da humanidade, um grupo de hominídeos luta para sobreviver em um ambiente hostil, onde a escassez de recursos e a vulnerabilidade diante de predadores são desafios constantes. Certo dia, eles se deparam com um misterioso monólito negro, cuja presença parece desencadear uma mudança crucial: a descoberta do uso de ferramentas como armas e instrumentos. Esse momento marca o início de um salto evolutivo que levará a espécie humana a conquistar novos horizontes. Milhares de anos depois, já na era da exploração espacial, um novo monólito é encontrado na Lua, emitindo sinais enigmáticos em direção a Júpiter. Em resposta, a nave *Discovery One* parte em uma missão para investigar esse mistério, levando a bordo uma tripulação humana e a avançada inteligência artificial HAL 9000, cujo papel na jornada se tornará cada vez mais ambíguo e inquietante.

Com uma narrativa minimalista e contemplativa, o filme dirigido por Stanley Kubrick e baseado no livro de Arthur C. Clarke transcende a ficção científica convencional. O uso da trilha sonora, em especial *Assim Falou Zaratustra*, de Richard Strauss, contribui para a sensação de grandiosidade e mistério. A fotografia meticulosa e os efeitos visuais inovadores consolidam a obra como um marco do cinema, transportando o espectador para um futuro ao mesmo tempo deslumbrante e enigmático.

A obra propõe reflexões profundas sobre a evolução humana, a inteligência artificial e a relação entre o homem e o desconhecido. O silêncio do espaço, os longos planos e a ausência de respostas definitivas fazem parte da experiência sensorial e filosófica que o filme oferece. Além disso, pode-se dizer que a cinematografia conseguiu romper os limites de sua época com relação a ficção científica, já que inúmeras obras do gênero, que envolvem futuro ou exploração espacial, bebem do futuro imaginado pelos idealizadores do filme. Por fim, a obra também desafia o próprio público, em que, por meio de uma experiência audiovisual subconsciente, propõe para nós o pensamento a respeito dos fins da evolução, do significado da vida, e dos grandiosos segredos guardados pela imensidão do cosmos.

Thiago Freire Nascimento

Sinopse: Um misterioso monólito influencia a evolução humana, ligando o passado primitivo à exploração espacial. Durante uma missão a Júpiter, a tripulação da nave *Discovery One* embarca em uma jornada enigmática que desafia os limites do conhecimento e da existência.

Trailer: https://www.youtube.com/watch?v=oR_e9y-bka0

(COLUNA)

O NASCIMENTO DA FICÇÃO CIENTÍFICA

A ficção científica vem conquistando cada vez mais leitores ao longo dos anos. Definir exatamente onde foi seu início não é simples. Existem obras antigas que já trazem elementos que encontramos na ficção científica moderna, como, por exemplo, **viagens no tempo, alienígenas, viagens à Lua**, etc. No entanto, esses fenômenos estavam ligados, geralmente, à **magia**, não à ciência, por isso não se encaixavam perfeitamente no gênero.

O romance que aparece quase sempre entre os marcos iniciais da ficção científica é *Frankenstein*, de **Mary Shelley** (1797-1851), publicado em 1818. Nessa obra, que também é do gênero terror, vemos um cientista que usa seus conhecimentos para criar um homem a partir de pedaços de pessoas mortas. O enredo vai além disso, mas é interessante ver o uso da **ciência** para promover coisas a princípio inimagináveis.

Depois de Shelley, temos **Júlio Verne** (1828-1905), com obras que exploram a temática do fantástico, a partir do científico. Alguns críticos o consideram o inventor do gênero ficção científica, de fato. *Viagem ao Centro da Terra* e *Vinte Mil Léguas Submarinas* mostram a capacidade de Verne de prever o aparecimento de novos avanços científicos, como os submarinos, as máquinas voadoras e a viagem à Lua.

Outros autores e obras, do mesmo período, também podem ser exemplos desse gênero. Entretanto, nenhum deles se declarou como autor de ficção científica, pois esse ainda não era um termo usado. Foi no século XX que a ficção científica ganhou um nome e foi sendo mais bem delineada. Surgiram então grandes escritores do gênero, como Isaac Asimov, Arthur C. Clarke, Philip K. Dick, Ursula K. Le Guin e muitos outros.

A ficção científica vai além de extrapolar o palpável e apresentar novas realidades. Ursula K. Le Guin traz uma reflexão muito interessante no prefácio de um de seus livros, *A Mão Esquerda da Escuridão*. Ela diz que "A ficção científica não prevê; descreve". Ela seria uma espécie de **experimento mental** que não tem o objetivo de prever o futuro, mas **descrever** o mundo atual, aquilo que já habita a mente do homem.

Tamires Batista Silveira, adaptado por Luan Augusto Machado de Lima.

Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-nascimento-da-ficcao-cientifica/> . Acesso em: 20 fev. 2025.